

Título: O subúrbio feito letra o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas

Autor(es) MARCO AURELIO REIS

E-mail para contato: mreis1968@gmail.com

IES: UFRJ

Palavra(s) Chave(s): Crônica, Jornalismo, Literatura, Rio de Janeiro, Subúrbio

RESUMO

A presente pesquisa desenvolvida como tese de doutorado no programa de pós-graduação em Letras da UFRJ teve como objeto, o estudo de uma provável tradição nas crônicas ambientadas no subúrbio do Rio de Janeiro. Nas obras dos cronistas Lima Barreto, João Antônio e Léo Montenegro verificou-se que é grande a recorrência à crítica contra as condições de vida dessa região da cidade, merecendo, portanto, um estudo aprofundado. Para embasamento teórico foi feita rigorosa revisão da fortuna crítica a respeito do cronismo brasileiro, recorrendo aos autores referenciais: Eduardo Portella, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima e Beatriz Resende. A partir desse embasamento, foram feitas análises de crônicas dos três autores, nas quais verificou-se que, em algumas delas, os elementos intertextuais, como referência e alusão, contribuem para crítica que os cronistas, ora de forma ácida e até brutal e ora de forma carnavalizada, imprimem em suas obras. Menos conhecido dos três, Léo Montenegro, cronista que por 35 anos escreveu diariamente no jornal carioca O DIA, teve parte de sua obra resgatada. Destaque é o livro do autor editado na década de 70, reunindo coletâneas de crônicas publicadas na coluna Averso da Vida desde o anos de 1965. Esse livro foi totalmente resgatado na pesquisa. O trabalho concluiu que há, sim, uma tradição particular dentro do cronismo nacional, que tem a cidade do Rio de Janeiro como ambiente privilegiado e muito citado. Trata-se do cronismo suburbano do Rio, todo ele marcado por olhar crítico sobre questões como periferia, abandono do poder público, escassez de emprego formal, preconceito racial e violência. Esse sinal foi encontrado nas obras dos três autores citados. Foi interessante notar que outros cronistas consagrados, como Olavo Bilac e João do Rio, observaram essa área geográfica com atenção, mas não da forma militante, cuidadosa e preferencial dos três autores que esta pesquisa classificou como cronistas do subúrbio. Cabe ainda destacar que, em comum, os três têm uma predileção de não dar roupagem romântica ou nostálgica para o subúrbio. Falam preferencialmente do tempo em que escrevem, observando a partir do chão o cotidiano da região. São inseridos no contexto epocal, nas ruas e periferias dos bairros suburbanos e críticos em relação a administradores públicos que não dão a devida atenção a essa região da cidade do Rio, quando comparados os cuidados dispensados a bairros da orla e à região central. Por fim, resta observar que, se essa pesquisa despertar o interesse para releitura dos três autores, já terá cumprido, em parte, seu propósito. Se essa releitura ajudar quem se aventurar nessa tarefa a interpretar diferentes esferas de uma realidade, muitas vezes distante no tempo e no espaço ou mesmo ignorada, terá cumprido outra parte de seu propósito. E se o pensamento aqui defendido conseguir ajudar futuros pesquisadores a identificar traços de continuidade em cronistas suburbanos contemporâneos ou mesmo futuros, a presente pesquisa, enfim, completado seu propósito.